



**Possibilidades e descobertas sobre os materiais pictóricos:
uma análise sobre os processos de criação de Assunção
Gonçalves**

Ana Claudia Lopes de Assunção (URCA)

RESUMO

Este texto trata das descobertas e possibilidades dos materiais pictóricos a partir da análise dos processos de criação de Assunção Gonçalves, artista e professora da cidade de Juazeiro do Norte/CE. O objetivo deste estudo é democratizar o ensino de pintura na descoberta por novos materiais e técnicas pictóricas acessíveis a todos e, instigar aos estudantes de Artes Visuais a pesquisa por materiais e técnicas pictóricas na região em que atuam. O processo da pesquisa ainda está em andamento, os resultados dos experimentos vivenciados até o momento promoveram um despertar para o meu processo de produção pictórica na descoberta do uso de novos materiais e técnicas, tais como, o uso do corante extraído do papel de seda, de seus efeitos óticos e combinações de cores na pintura e, a transferência de imagens fotográficas de Assunção Gonçalves nos seus afazeres cotidiano, para a tela de pintura. O desdobramento desses resultados será trabalhado nas aulas do ateliê de pintura com os alunos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da URCA, a qual ministro e, posteriormente este estudo será ampliado no Grupo de Pesquisa em processos de criação, que será implantado no Departamento de Artes Visuais como continuidade das pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de criação. Materiais e técnicas pictóricas. Ensino de pintura.

ABSTRACT

This text deals with discoveries and possibilities of pictorial materials from the analysis of the Assunção Gonçalves creation processes, artist and teacher from the city of Juazeiro do Norte / CE. The aim of this study is to democratize education of painting in discovery for new materials and pictorial techniques accessible to all, and instigating students of Visual Arts to search for materials and painting techniques in the region in which they operate. The research process is still ongoing, the results of experienced experiments until this moment have promoted an awakening to my pictorial production process in the discovery of the use of new materials and techniques, such as the use of the dye extracted from tissue paper, their optical effects and color combinations in painting and the transfer of photographic images of Assunção Gonçalves in their daily chores, to the canvas. The breakdown of these results will be worked in the classes of painting workshop with the students of Degree Course in Visual Arts at URCA, which I minister and later this study will be expanded in the Research Group on creation processes, which will be deployed in the Department of Visual Arts as a continuation of the research.

KEYWORDS: Creation process. Materials and painting techniques. Teaching painting.



Introdução

Este texto trata do processo de criação em pintura que venho desenvolvendo a partir do estudo da artista e professora Assunção Gonçalves. A artista nasceu na cidade de Juazeiro do Norte do interior do Ceará no dia 01 de junho de 1916 e faleceu em 19 de maio de 2013. Foi pesquisando sobre o processo de criação da artista que despertei para a descoberta de novas possibilidades com os materiais pictóricos.

Minha pesquisa em pintura está relacionada com o estudo da cor e com as possibilidades expressivas dos materiais pictóricos. No ateliê de pintura, nas aulas que ministro no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri - URCA, procuro instigar aos alunos a realizar experimentos artísticos que promovam descobertas em relação ao uso da cor e em relação as possibilidades expressivas dos materiais pictóricos. Durante o processo partimos de alguns artista como referência para seus experimentos. A pesquisa é constante, tanto quanto as possibilidades dos materiais pictóricos, como sobre os artistas que trabalham com pintura na contemporaneidade ou em outros períodos da história da arte, tenho preferência por reconhecer os artistas da região onde estou atuando.

Na busca por encontrar artistas como referência para as aulas de pintura foi que iniciei a pesquisa sobre Assunção Gonçalves, artista da região do Cariri cearense. Meu interesse pela artista iniciou pela sua instigante produção pictórica, que traz nas suas representações memórias de uma cidade em ascensão, suas temáticas tratam de importantes cenas históricas na formação e desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte.

Pessoa muito querida e respeitada por guardar consigo as memórias dos grandes acontecimentos da cidade, tinha um baú que guardava preciosos documentos, recortes de jornais antigos, fotos, livros, revistas e objetos raros, que podiam



comprovar a existência dos fatos históricos ocorridos em Juazeiro do Norte, os quais Assunção Gonçalves sempre mencionava. Assim, deu uma contribuição de grande valia para manter viva essa memória, expressa através de suas representações pictóricas, de seus testemunhos e relatos a pessoas interessadas, como estudiosos e pesquisadores da história da cidade de Juazeiro do Norte.

Assunção Gonçalves foi também professora, ministrou aulas de desenho e de pintura nas escolas da cidade, outro aspecto importante que despertou interesse para o desenvolvimento da pesquisa. A artista também teve uma atuação como rendeira e confeiteira de bolos, desempenhava atividades de Alta Confeitaria, sendo muito solicitada na cidade para a confecção de bolos e ornamentos para as festas de casamento, aniversário, batizado e comemorações importantes da Igreja. Considerada uma referência na cidade pelos seus belos arranjos de bolos e suas confecções em rendas.

A artista enfrentou muitas dificuldades naturais do período e região em que viveu. O comércio local de materiais para a execução da arte do desenho e da pintura era precário, ou quase inexistente. Sua atitude diante das dificuldades era de inquietude, seu perfil era de uma artista pesquisadora e buscou formas alternativas de se expressar através da pintura com os recursos disponíveis. No início da pesquisa a intenção era de encontrar a artista e professora, no percurso encontrei também uma pesquisadora, ainda muito lúdica, mas é impossível não reconhecer Assunção Gonçalves como uma eximia pesquisadora, na busca por encontrar materiais e técnicas para representar sua produção artística. Ao mergulhar nesse processo compreendi que eu precisava percorrer os caminhos trilhados pela artista.

Em seus primeiros experimentos fabricou suas próprias tintas, a partir da extração do corante do papel de seda,



material muito comum no nordeste, utilizado para a confecção de bandeirinhas para enfeitar as festas juninas típicas da região. Não tive acesso a esse material produzido devido sua pouca permanência e durabilidade, com o passar do tempo seus registros se perderam, as informações que obtive sobre esse processo foram através do relato da própria artista em entrevistas que realizou. Foi esse olhar sensível da artista para seu entorno que me instigou a percorrer sobre seus processos criativos.

Nas minhas vivências como professora-artista-pesquisadora venho buscando colocar em prática essas três atividades. Ser artista sempre foi a atividade que ficou na espera por emergir mais efetivamente. Quando me deparo com a produção de Assunção Gonçalves e começo a pesquisa sobre seus experimentos, percebo o tamanho do desafio que abracei, muitas dúvidas surgem quanto a sistematização e organização desse universo místico e pictórico que encontrei na artista.

Místico pelo contexto da região onde viveu a artista, que independente da crença de cada um, a presença da religiosidade e credices ainda é muito forte na cidade de Juazeiro do Norte, não posso deixar de mencionar sobre esse universo em que Assunção Gonçalves foi criada e amadureceu como profissional, nas temáticas de suas pinturas é nítida a presença desse seu cotidiano.

As suas produções pictóricas contam muito sobre esse panorama, as temáticas abordadas pela artista retratam memórias de uma cidade que cresceu e se desenvolveu entorno da fé e de suas credices populares. Desenvolvi essa percepção a partir de um olhar atento durante o processo de conhecer e compreender o cotidiano da artista que se revelara. O que vejo é uma artista que enfrentou muitos desafios, sua coragem e sua ousadia fizeram com que se tornasse uma profissional na educação e na arte que se destacou no cenário patriarcal da



região do Cariri, na cidade do Juazeiro do Norte no interior do Ceará.

Assunção Gonçalves com sua produção pictórica despretensiosa, como sempre mencionou em suas entrevistas e suas ideias instigantes, me promoveu vivenciar um processo de experimentações durante um semestre na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, digo isto porque foi através dos estudos sobre seu processo de criação que fiquei provocada a me dedicar aos experimentos que apresento neste texto. As descobertas foram inesperadas, ao iniciar as atividades no ateliê não podia ter consciência da amplitude dos resultados que chegaria.

Processos criativos: renascer pictórico

No período do Estágio Docência que realizei no primeiro semestre do ano de 2016, como parte do programa de doutorado interinstitucional entre a Universidade Regional do Cariri - URCA, a qual sou professora efetiva e a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, pude mergulhar nos processos de criação da artista Assunção Gonçalves, objeto de estudo da minha pesquisa. O Estágio Docência aconteceu na disciplina de Ateliê II ministrada pela professora Christiana Quady, tendo como orientadora da tese a professora Lucia Gouvêia Pimentel.

Momento esse em que pude me dedicar mais intensamente ao material que havia reunido e desenvolvido até então sobre a pesquisa, iniciei uma análise dos processos da pintura de Assunção Gonçalves e das imagens fotográficas do álbum de escritos da artista. Fui instigada também a pensar sobre o meu processo de criação, como iria reiniciar no fazer pictórico, depois de um tempo sem estar vivenciando mais ativamente esse processo.

As imagens fotográficas de Assunção Gonçalves trazem cenas do seu cotidiano, dos seus afazeres como artista e professora



(fotos do processo de Assunção pintando em seu ateliê, imagens da sua pintura, das pinturas que realizava nos bolos em sua casa, da confecção de rendas e etc.). A proposta de atividade para desenvolver na disciplina de Ateliê II era de realizar uma produção pessoal em pintura, definindo os materiais e técnicas a serem utilizadas e quais os motivos para tais escolhas. Tudo deveria ser registrado em um caderno, no caderno de processos, que deu origem a um dos volumes que será apresentado como resultado da tese.

A proposta inicial foi percorrer os caminhos trilhados pela artista para realizar seu processo criativo, fiz um levantamento das técnicas e materiais utilizados por Assunção Gonçalves em suas experimentações com a pintura.

Desde sua infância a artista já tinha interesse para o desenho e a pintura; com todo tipo de material a que tivesse acesso, ainda criança, entre seus cinco a seis anos, arriscava seus primeiros esboços: riscava com carvão no chão e em qualquer superfície lisa fazia seus experimentos. Já na adolescência, quando cursava o quarto ano primário, em 1928, a menina-moça, passava a utilizar o lápis "Faber", como a artista chamava, sobre papel, realizava desenhos mais elaborados e gostava de representar retratos de pessoas próximas. Utilizava como modelo para seus estudos as imagens expressas, de cabeças de pessoas, nas peças de tecido que encontrava nas casas de comércio. Seu processo no desenho era de olhar para o modelo e riscar com o lápis no papel, num exercício repetitivo, "olhava a coisa e copiava" (GONÇALVES, 2003).

Como já mencionado anteriormente, a artista iniciou seus primeiros processos em pintura, utilizando o corante extraído do papel de seda, conseguindo um efeito próximo ao da tinta aquarela. Por volta dos seus 14 anos, em 1931, quando sua prima Amália Xavier retorna a Juazeiro do Norte, após concluir

seus estudos em Fortaleza, é que Assunção Gonçalves tem acesso a tinta aquarela, material esse trazido de Fortaleza por sua prima.

A artista gostava de trabalhar com lápis grafite e aquarela, fazia retratos e paisagens, aprendeu algumas técnicas em desenho e pintura com Amália Xavier, só depois quando adulta que a artista começou a pintar com a tinta a óleo e ampliou suas temáticas, além dos retratos e paisagens pintou também imagens de santos e cenas históricas da cidade, seu primeiro retrato a óleo foi em 1947 (Ilustração 1), de sua tia Bibi (Humbrelina Amália Xavier de Oliveira).



Ilustração 1: GONÇALVES, Assunção. Retrato de Humbrelina de Oliveira, 1947. 1 original de arte. Óleo sobre tela, 61cmx90cm. Coleção particular.
Foto: Verônica Leite.

Na sua idade avançada com seus 72 anos, ficou impossibilitada de pintar suas telas com tinta à óleo devido a intoxicação que teve com a presença do zinco nas tintas, a



artista pintava o céu de suas paisagens com as mãos, com o passar do tempo o uso desse material prejudicou sua saúde, se dedicando a partir de então apenas aos bolos confeitados e a confecção das rendas.

Refletir sobre os processos de Assunção Gonçalves me levou a refletir também sobre meus processos, desde a infância que tenho gosto pela arte do desenho e da pintura, sempre tinha meu caderninho de desenho e meu materiais de artes, quando entrei no curso de Licenciatura em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas, em 1988, na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas/RS, iniciei estudos mais elaborados sobre a arte do desenho e da pintura. Me identifiquei mais com o material da tinta acrílica, principalmente por causa dos materiais nocivos da tinta a óleo. Tinha preferência pela pintura abstrata e gestual.

Atualmente minhas pesquisas estão voltadas para o uso da cor e suas relações na composição e na história da arte e, sobre os pigmentos para pintura, esse estudo implica em percorrer as mudanças históricas, sociais e artísticas no uso da cor e dos materiais pictóricos. Realizo também pesquisas sobre pigmentos presente no solo da região do Cariri cearense, pesquisa essa ainda em processo.

Pintura com corantes extraídos do papel de seda

Iniciei o processo seguindo os passos de Assunção Gonçalves de acordo com seus relatos sobre os experimentos com o corante extraído do papel de seda, que segundo a artista, picava os papéis e deixava de molho em recipientes com água, o efeito do corante era próximo ao da tinta aquarela, realizava esses primeiros experimentos ainda menina.

Eu comprava papel que faz bandeirinha de São João: verde, amarelo, vermelha, branca, rósea. Então, eu pegava aquele papel, picava bem amassadinho e colocava um pouco d'água, bem pouquinho numa coisa



qualquer...numa xícara. Espremia e ficava aquela tinta. Não sei quantas qualidades de tinta. Colocava cada cor numa tampa de cerveja. O pincel: pregava num pedaço de pau, uma pena de galinha e cortava o lado dela todinho. Amarrava na ponta, afinava e ficava um pincel. Quando queria um pincel maior, colocava mais pena. (TAVARES, 1997, p. 8, grifos do autor).

Não consegui obter o mesmo resultado nos dias de hoje com o papel de seda, no período em que Assunção Gonçalves utilizou essa técnica, o material utilizado na coloração do papel de seda era mais concentrado, atualmente não é possível extrair a cor apenas com água. Foi preciso pesquisar outras substâncias para extrair o corante do papel de seda, cheguei a um bom resultado com o álcool. Piquei o papel de seda e deixei de molho no álcool, quanto mais tempo ficar em repouso melhor a concentração da cor, deixei o material de molho de um dia para o outro, foi o suficiente para obter a destilação da cor.

As cores do papel de seda são suaves e translúcidas, porém são totalmente impermanente, nunca se sabe ao certo qual será o resultado da cor obtido. O fator imprevisibilidade e a impermanência da cor foi o que me provocou a prosseguir com os experimentos.

A técnica de pintura com o corante extraído do papel de seda permite conseguir uma cor suave e transparente, porém é preciso ter alguns cuidados quanto ao seu uso, o álcool exala um cheiro muito forte podendo causar alguns efeitos desagradáveis na pessoa, como tonturas ou náuseas. A experiência foi realizada no ateliê de pintura e isso foi comprovado diante da turma de alunos (Ilustração 2).



Ilustração 2: Preparação dos corantes extraídos do papel de seda.



Foto: Ana Cláudia Assunção, 2016.

Inicialmente o uso desse material foi pensado para ser utilizado de forma didática nas atividades de artes nas escolas, pela sua acessibilidade e possibilidade de termos uma tinta que traz efeitos semelhantes a tinta aquarela. No nordeste, o uso do papel de seda no mês das festas juninas é abundante, toda escola tem em sua decoração bandeirinhas feitas de papel de seda, após os eventos juninos essas bandeirinhas são retiradas e poderiam ser reaproveitadas nas aulas de Artes, seria uma forma de poder reutilizar um material acessível e de baixo custo, porém, devido ao cheiro forte do álcool essa ideia a princípio foi descartada. Seria preciso realizar mais experiências para haver uma substituição do álcool por outro material, não sendo este o foco da pesquisa para o momento, fica em aberto para *posteriori*.

Na tela para pintura, obtive, como resultado utilizando o corante, uma cor transparente, translúcida, com um efeito aveludado, praticamente sem marcas do pincel. A dúvida que surgiu foi sobre a questão da durabilidade e permanência desse corante pintado sobre a tela. Durante o processo observei que é preciso manter os vidros com os corantes fechados pois o álcool evapora com rapidez, da mesma forma é o que se espera do corante após a pintura na tela, com o tempo o álcool vai evaporando. Ainda não houve o tempo necessário de espera para saber como será a reação do corante sobre a tela. A cor perderá sua qualidade e vivacidade com o tempo? Em quanto tempo? Será preciso colocar algum reagente para permanência e vivacidade da cor? Isso é possível, uma vez que não estamos tratando com pigmentos e sim com corantes? Esses são alguns dos questionamentos que surgiram, ainda está em processo de observação a contar do tempo da realização dos experimentos para saber como o material irá reagir.

Após as pesquisas e experimentos iniciei o estudo da

composição pictórica com as cores obtidas, a ideia era trabalhar a harmonia de cores e suas transparências utilizando formas geométricas. Para realizar o estudo de cores realizei primeiro algumas composições com recortes do papel de seda em formas geométricas, experimentei combinações e sobreposições de cores e formas. Como resultado obtive campos de cores que se sobrepunham e formavam outros campos coloridos. Depois de várias tentativas optei por trabalhar as cores numa composição geométrica em listras de cor.

As cores mais fortes obtidas a partir da extração do corante do papel de seda foram o vermelho, o verde, o roxo e o amarelo. Escolhi essas cores para realizar a composição geométrica em listras de cor, estruturei todo o campo para a composição dentro de uma lógica matemática de divisão de espaço e de cores. Em primeira análise sobre as cores que escolhi, percebi que formavam pares de complementares entre si, busquei uma harmonia entre as cores e suas complementares, explorando também seus efeitos óticos de quente e frio, provocando assim tensões entre as cores (Ilustração 3).

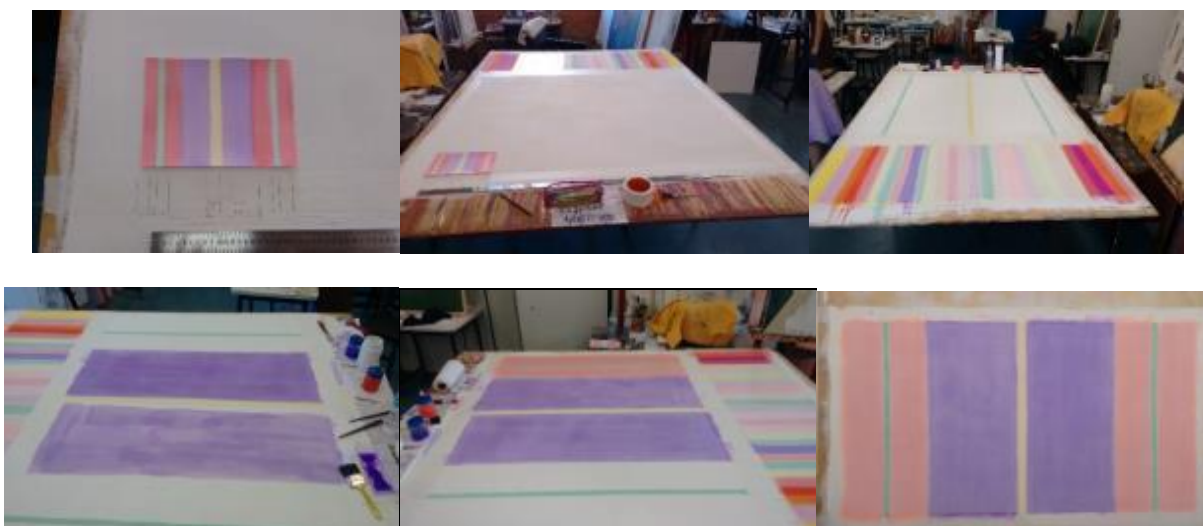


Ilustração 3: Processos do experimento com corante extraído do papel de seda. Composição I. Foto: Ana Cláudia Assunção, 2016.

Alguns aspectos a serem observados é em relação a impermanência do corante, logo após o término da pintura já dava para observar a evaporação da intensidade da cor junto ao



álcool, a vivacidade da cor obtida na diluição do papel de seda com o álcool esmorece totalmente. Deixei a pintura descansar por dois dias para observar a sua reação. Não houve muita mudança em relação ao esmorecimento da cor, o efeito foi imediato durante a evaporação do álcool. Penso que com o passar do tempo as cores irão esmorecendo mais ainda, não sei quanto tempo e nem como será esse enfraquecimento das tonalidades, esse processo está em observação e não se conclui por aqui.

Esses experimentos são apenas o princípio de muitos que ainda virão, a partir dessas descobertas e inquietações pretendo dar continuidade no Grupo de Pesquisa voltado aos processos de criação e o ensino de pintura, que será criado no Departamento de Artes Visuais/URCA, onde trabalho.

Para finalizar os experimentos com o corante extraído do papel de seda, elaborei outro estudo de composição com listras de cor, desta vez queria colocar na tela todas as cores obtidas com o papel de seda, não queria que as listras de cor fossem distribuídas numa sequência em degrade ou, que seguissem a lógica da sequência do círculo das cores. O que foi observado primeiramente foi a intensidade de cada cor, suas combinações e sensações, não queria que uma cor predominasse sobre a outra.

Depois de inúmeras tentativas cheguei a algumas conclusões, a cor roxa é a mais intensa das cores obtidas, devido a isso ela foi utilizada apenas uma vez na sequência de listras, enquanto outras cores menos intensas foram repetidas. A cor rosa, a cor rosa claro e a cor preta, que se torna um sépia quando diluída no álcool, também foram utilizadas apenas uma vez, por serem cores muito claras e terem tonalidades muito próximas, as demais cores, o amarelo, o verde, o verde claro e laranja foram repetidas duas vezes e a cor vermelho foi repetida três vezes devido sua intensidade promover um

equilíbrio na composição (Ilustração 4).



Ilustração 4: Processos do experimento com corante extraído do papel de seda. Composição II. Foto: Ana Cláudia Assunção, 2016.

Das cores do papel de seda trabalhadas nesse processo não obtive resultados com o papel de seda na cor azul, deixei o papel mergulhado no álcool por vários dias e não houve alteração na cor do líquido. Esse processo não se esgota por aqui, poderia ainda estender a pesquisa para as diferentes marcas de fabricação do papel de seda que existem no mercado, buscar junto aos fabricantes informações sobre sua coloração, porém, para os objetivos pretendidos com esses experimentos, as informações obtidas até o momento são suficientes.

Pintura com transferência de fotografia e sobreposição de listras de cor em aquarela

Revendo as fotos de Assunção Gonçalves produzindo em seu ateliê, percebi o quanto de informações e afetos elas possuem, o quanto as imagens em si expressam mais do que eu poderia descrever ou traduzir. Essas imagens me causaram inquietações que me levaram a refletir sobre um novo projeto. Como poderia realizar uma pintura com a presença dessas imagens? Como transpor as informações e afetos dessas imagens numa produção pictórica? Como a produção pictórica poderia ser uma representação dessa memória presente nas imagens fotográficas?

Observando e analisando cada fotografia, a memória contida em suas imagens, o registro de uma história que vai se reconstruindo através das leituras e interpretações das mesmas, foi que percebi a importância de trabalhar com tais



fotografias na produção pictórica que vinha produzindo. Porém, algumas dúvidas surgiram, como trabalhar a fotografia junto a pintura? Como fundir o processo de cores e transparências que venho experimentando com as imagens fotográficas que trazem tantas informações em si? Não queria que o processo pictórico se transformasse em uma montagem fotográfica, queria dar continuidade no processo pictórico iniciado, que se propunha a experimentar as técnicas que a artista utilizou em seu processo.

Em diálogo com a professora do Estágio Docência, Christiana Quady, sobre as questões que surgiram, ela sugeriu utilizar a fotografia junto a pintura. Inicie uma pesquisa sobre o processo da técnica de transferência de imagens e, sobre artistas que utilizam essa técnica nas suas produções pictóricas. Nesse processo de reflexão para trabalhar a fusão entre as imagens fotográficas e o processo da pintura com listras de cor, optei por trabalhar com o uso das cores e o efeito de transparências sobre a imagem fotográfica. De que forma poderia ser isso? Realizei algumas pesquisas sobre artista que trabalhavam com transparências, com cores suaves, ainda na ideia de utilizar a tinta extraída do papel de seda. Artista como Agnes Martin, Ian Davenport, Joseph Marione e Josef Albers, serviram de referência nesse processo.

Escolhido os materiais e a técnica iniciei os experimentos, fiz a seleção de algumas fotografias que iria trabalhar, defini o tamanho A2 para a impressão da fotografia. Realizei vários processos de transferências para ver como os materiais reagiam e decidir qual o resultado mais adequado a proposta pretendida, que era; trabalhar as imagens fotográficas de Assunção Gonçalves como registro de sua memória em conexão com as interferências pictóricas que pretendia realizar.



A transferência da fotografia foi realizada com cola, por ser um material não tóxico e fixada com o ferro de passar roupa aquecido, após a fixação da fotografia na tela raspei com uma esponja úmida com suavidade até sair o papel da impressão da fotografia e aparecer apenas a imagem da fotografia na tela, inevitavelmente ao raspar a tela com a esponja úmida partes da fotografia é raspada também, causando um efeito visual na imagem que surgiu de envelhecimento, de uma imagem que foi desgastada pelo tempo. Não há como controlar esse efeito durante a execução. Novamente lidando com o imprevisível, o que torna o processo instigante. Não posso ter uma previsão de como a imagem será trabalhada, as interferências vão acontecendo no processo, a imagem aponta os caminhos por onde continuar. Para cada imagem fotográfica trabalhada uma expectativa, que pode resultar numa imagem satisfatória ou frustrante.

O processo é que conduz as trilhas a serem percorridas. A cada execução uma pausa para o olhar, um diálogo permanente e necessário. Entre o fazer e o observar, pausa para reflexão.

A imagem da artista presente nas fotografias transmite a força de sua personalidade pela sua postura diante dos seus afazeres cotidiano, em meio a um contexto cenográfico que nos remete a um tempo e a um lugar, a um momento de sua história, que pode ser passado, lembranças afetivas e, que pode ser presente no imaginário das pessoas, cabe a cada espectador a sua leitura, a sua forma de ver e de se aproximar da cena. Na imagem fotográfica está presente aquele instante captado pelo olhar do fotógrafo, que traz uma memória documental e afetiva. O impacto dessas imagens fotográficas são provocativas e convidativas a percorrer o cotidiano da artista em seus afazeres como artista e professora.

Então chegou a hora de escolher a técnica e a paleta de cores a ser trabalhada, em relação a tinta foi descartada a



possibilidade do uso do corante extraído do papel de seda devido a sua impermanência, pois o que pretendia com o resultado das pinturas era realizar uma exposição, como ainda não sabia qual o tempo de permanência do corante sobre a tela, o seu uso poderia comprometer a qualidade do processo num futuro próximo. Realizei algumas tentativas com tintas que permitissem um efeito de suavidade e transparência e, que possuísem qualidade e garantissem essa permanência. Entre os materiais experimentados, decidi por trabalhar com a tinta aquarela, outra técnica trabalhada pela artista, apesar de estar utilizando a tela como suporte e não o papel, pensei na aquarela por ser uma tinta que promovia o efeito pretendido, se aproximava do efeito do corante extraído do papel de seda pintado sobre a tela.

O tratamento que pretendia dar as imagens era de transparência, fusão e interferência entre a imagem de Assunção Gonçalves presente nas fotografias e o meu processo criativo em pintura. As listras de cor fundindo com a imagem fotográfica da artista.

Uma das imagens trabalhadas foi a fotografia de Assunção Gonçalves realizando uma pintura à óleo em uma enorme tela de 5m por 1,85m no quintal de sua casa, para a Capela do Ginásio Santa Teresinha, na época. Assunção Gonçalves está em cima de uma escada específica para pintura em grandes dimensões iniciando seu processo, a baixo no canto esquerdo da foto está o menino Marcus Jussier Maia de Figueiredo, entre flores que aparecem em primeiro plano, observando a artista realizar sua pintura e auxiliando com a limpeza dos pinceis, o menino se tornou um artista e dizia ter aprendido muito com Assunção Gonçalves, manifesto em seu relato na apresentação da exposição "Óleos eternos", de Assunção Gonçalves, em julho de 1993.



"Lembro-me quando criança, que do espaço branco de uma tela você fazia mágicas e milagres. Mágica porque daquele espaço branco, manipulando pincéis e tintas, surgiam cores por vezes um rosto do "Padre Cícero", figuras de "Jesus", "São Tarcísio" apedrejado, guardando nas vestes a sagrada hóstia ou então a sua querida "Bibi" na almofada espetando alfinetes, deixando cair um bico de renda cuja perfeição na pintura me fascinava" (GONÇALVES, 1993, grifos do autor).

A imagem é bem instigante, as sombras presentes causam uma estranheza, parece uma imagem meio assombrada. Ao observar essa fotografia, me pus a pensar em como realizar as interferências que pretendia, o que essa imagem me sugere?

Resolvi interferir na imagem fotográfica retirando partes da cena para dar espaço as listras de cor. Realizei um recorte na fotografia seguindo uma linha divisória em perspectiva que separa o muro do quintal da casa de Assunção Gonçalves e o céu. Os contrastes de sombras presentes na fotografia formam blocos de sólidos geométricos, procurei trabalhar a extensão das sombras sobre as listras de cor, para obter uma unidade no efeito de luz e sombra na imagem, com a cor sépia da aquarela bem suave sobrepus a sombra nas listras de cor.

O resultado foi satisfatório, a sensação é de que a luz atravessa a pintura e entra na imagem fotográfica provocando uma sombra projetada, dessa forma encontrei a fusão que procurava, suave e transparente sem interferir na imagem a ponto de modificá-la. Como resultado na pintura, a imagem fotográfica permanece intacta porém em fusão com as listras de cor.

Estudar e analisar sobre os processos de Assunção Gonçalves através do que ficou de sua memória, tem sido uma árdua tarefa porque muito vem se perdendo de sua história, de seus processos pouco se tem de registros, o que consegui desse registro está expresso em fotografias muito antigas e nos relatos de pessoas amigas e parentes que conviveram com a artista. Isso me faz ser cautelosa quanto as interpretações e



emoções ao descrever aqui essa análise. Lembrando sempre que esse trabalho não é uma biografia da artista, mas um olhar para a sua produção e seus processos. Nessa reflexão procuro rever como vejo a artista, como pretendo mostrá-la através da minha produção, dessa fusão que venho buscando entre suas imagens fotográficas e meu processo, a todo momento uma difícil escolha.

Uma outra imagem fotográfica trabalhada é de Assunção Gonçalves fazendo renda de bilro, compõe a cena em segundo plano seu primeiro retrato pintado à óleo de sua tia Bibi também fazendo renda de bilro. Na cena as duas foram colocadas uma diante da outra como se dialogassem, Assunção Gonçalves num primeiro plano e a pintura de sua tia bem mais atrás. A impressão que a imagem passa é de que a cena foi organizada dessa forma para o seu registro, sua composição ficou poética, as cores que aparecem na parede ao fundo da pintura do retrato de Bibi, impulsionaram minha escolha para a paleta de cores utilizada na interferência dessa pintura, em tons de verde, salmão e sépia, acrescentei também o laranja.

Entre os experimentos realizados no caderno de processos para a interferência nessa fotografia, escolhi recortar apenas a silhueta das figuras na cena retirando toda a parte da parede branca que ficava por trás. Nessa tela pintei primeiro as listras de cor para fazer a transferência da fotografia por cima, na tentativa de ter um efeito de sobreposição da imagem sobre as listras de cor. Quando inseri as sombras na pintura anterior percebi que foi uma boa solução estética, repeti o processo nessa tela, analisei como a luz e a sombra da imagem fotográfica se comportava e como eu poderia interferir com a sombra na pintura.

O resultado foi satisfatório, as duas pinturas realizadas podem vir a ser um díptico, devido a sua aproximação pela composição de cores e sombra. Quando colocadas lado a lado

existe uma unidade na representação da luz e da sombra, o efeito ótico dessa representação une as duas pinturas (Ilustração 5).



Ilustração 5: Resultado final do díptico. Foto: Ana Cláudia Assunção, 2016.

Para finalizar esse momento, escolhi a imagem fotográfica de Assunção Gonçalves confeitando um bolo. Uma imagem fotográfica com um colorido exuberante, o que exigiu mais cuidado quanto a escolha da paleta para utilizar na interferência com a pintura. A cena está repleta de móveis e utensílios que trazem muitas informações, onde o tema central que é Assunção Gonçalves confeitando o bolo se dispersa.

Essa imagem pedia uma nova pausa para repensar o processo, nesse momento já estava claro que o processo pictórico continuaria com a interferência das listras de cor, porém era preciso analisar as informações que a imagem fotográfica trazia, o que iria permanecer ou, o que seria retirado da cena. Deambulações de uma análise do processo, para mim trabalhar com as fotografias de Assunção Gonçalves é como entrar na casa de alguém e ver sobre a mobília o registro da sua história de vida, através dos porta-retratos expostos, em cada fotografia um momento dessa história é revelada ao espectador.



Experimentando as possibilidades com a transferência da imagem dessa fotografia no caderno de processo, cheguei à conclusão que era preciso explorar os objetos da cena, interferir de forma que diminuísse o peso que eles tinham na composição, pois formavam blocos densos de sólidos geométricos e cores escuras. Fiz alguns recortes na mobília retirando alguns excessos, deixei os blocos geométricos vazados, por onde passam as listras de cor. Esses recortes promoveram uma leveza na composição da imagem e uma maior interação entre a imagem fotográfica e a interferência com as listras de cor.

Pesquisei alguns artista como referência que trabalham com interferências em imagens fotográficas, artista como Lauren Mclaughlin, Michelle Maguire, William Betts e Kyra Schmidt. O processo desses artistas me despertaram para um olhar que percorresse mais dentro da cena da imagem fotográfica. Com isso repensei meu processo, além de trabalhar os aspectos da composição como a luz e a sombra, as cores e as formas, me reportei a seu conteúdo, aos significados de cada elemento na cena, serão necessários esses elementos? Alguns poderiam ser retirados? Trocados de lugar? Cheguei até a pensar em outras formas de interferir com a pintura, como trabalhar a relação figura e fundo, reproduzindo alguns elementos, mas preponderou as listras de cor.

Outra dificuldade que encontrei nessa imagem fotográfica foi a escolha da paleta de cores para trabalhar com a interferência das listras de cor, a fotografia é muito colorida, era preciso encontrar tonalidades que suavizassem na sua composição.

O resultado obtido foi satisfatório, consegui a leveza que esperava na imagem representada. Quanto as cores optei por tonalidades que se aproximassem com as cores da mobília, mais neutras, que atuassem mais de fundo na imagem e promovessem um

destaque a cena principal que é a artista confeitando o bolo (Ilustração 6).



Ilustração 6: Resultado final da pintura de Assunção confeitando bolo.
Foto: Ana Cláudia Assunção, 2016.

Considerações

Realizar esse trabalho foi agradável e ao mesmo tempo incômodo, no sentido de estar caminhando por trilhas sem um roteiro estabelecido, o tempo todo há um diálogo permanente entre o fazer e o questionar sobre o que está sendo feito. Foi um exercício intenso de reflexão entre a prática e a teoria. Tem momentos no processo que a prática flui com tranquilidade e em outros tudo para, parece que não há mais caminhos, ou ainda são tantos os caminhos que se apresentam que fica difícil decidir a qual seguir. É como se eu me perdesse no caminho e novas possibilidades se abrissem, sendo preciso parar, refletir e realizar novas escolhas e justificá-las. A ação do fazer artístico traz mais respostas que apenas ficar



nas observações e análises, é preciso que o fazer e o refletir caminhem juntos.

Toda essa busca me remete a memória do que ficou de Assunção Gonçalves, o que ainda está presente, as imagens produzidas me remetem a uma memória documental, a imagem da fotografia como documento, a pintura como afeto. Me emociono ao olhá-las e fico imaginando como será essa emoção para seus parentes e amigos e até mesmo para os que não a conheceram. É difícil lidar com tudo isso, é vivo e presente, mas também é passado e ausente.

Sobrepor imagens, memórias presente de um passado que vai se apagando com o passar do tempo. Quando olho para as imagens fotográficas de Assunção Gonçalves vejo suas memórias, lembranças e afetos de sua história de vida, que representam em seus registros ações que trouxeram contribuições da artista para a sociedade da época. Hoje reflito em como essa história pode contribuir para o planejamento das minhas aulas, como professora na área da Bidimensionalidade, especificamente de pintura e de desenho, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da URCA e, para meus alunos que estudam sobre processos criativos de artistas do universo da arte da região, do Brasil e de outros países.

Como resultado de todo esse processo, ainda em andamento, são as produções pictóricas, que servirão de referências e análises nas aulas do ateliê de pintura com os alunos e, posteriormente este estudo será ampliado no Grupo de Pesquisa em processos de criação, que será implantado no Departamento de Artes Visuais como continuidade dessas pesquisa.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES. Assunção. **Óleos eternos**. Juazeiro do Norte, 1993. 7 p. Catálogo de exposição, 1993. Memorial Padre Cícero.
- GONÇALVES, Maria Assunção. **Entrevista gravada fita cassete** (150 min.). Juazeiro do Norte, out. de 2003.



REVISTA APOTHEKE

ISSN 2447-1267

v.4, n.1, ano 4, 2018

TAVARES, Íris, **Assunção Gonçalves**: Uma vida dedicada à arte. Juazeiro do Norte: Edições IPESC - URCA, 1997.

ANA CLAUDIA LOPES DE ASSUNÇÃO

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4210870U1>

Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Pernambuco/UFPB-UFPE (2012) e formação em Arteterapia pela Clínica Pomar/RJ (2004). Possui graduação em Lic. em Ed. Art. Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pelotas/UFPel (1993). Atualmente é professor adjunta da Universidade Regional do Cariri, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de arte, artes visuais, ensino de arte/mediação cultural, processo criativo, artistas visuais e mediação cultural.